

Vol XV, Ano 15, Núm 1, jan-jun, 2022, pág. 52-68.

EDUCAÇÃO FÍSICA: OLHAR DE ALUNOS ESPECIAIS DE ESCOLAS DE PORTO VELHO, RO.

Daniel Oliveira de Souza
Cristiane Anita Furlanetto
Clarides Henrich de Barba

RESUMO

O Objetivo deste artigo é o olhar do aluno incluso as dificuldades encontradas em participar das aulas de Educação Física. A metodologia é quanti-qualitativa com análise qualitativa dos resultados e caracteriza-se como um estudo exploratório. Destaca as percepções dos alunos sobre as aulas práticas de Educação Física. Percebe-se que as escolas ainda não apresentam perfil adequado para atender as especificidades dos alunos com necessidades especiais.

Palavras-chave: Educação Física, inclusiva, satisfação, barreiras.

PHYSICAL EDUCATION: VIEW OF SPECIAL STUDENTS OF SCHOOLS IN PORTO VELHO, RO

ABSTRACT

The Objective is based on the student's gaze, including the difficulties encountered in participating in Physical Education classes. The methodology is quanti-qualitative with qualitative analysis of the results and is characterized as an exploratory study. Highlights students' perceptions of practical Physical Education classes. It is clear that schools still do not have an adequate profile to meet the specific needs of students with special needs.

Keywords: Physical Education, inclusive, satisfaction, barriers.

1. Introdução:

As características das aulas de Educação Física de abordagem dos conteúdos, aplicação das atividades práticas durante as aulas, as condições para participação efetiva dos alunos nas tarefas elaboradas pelo professor de Educação Física, sendo que, a Educação de um processo de Integração transitada para Inclusão, exige de seus participantes ativos inovação, transformação e quebra de paradigmas. A Gestão Escolar com suas responsabilidades administrativa, a Coordenação Pedagógica com a difícil tarefa de formação das turmas inclusivas, os professores com a missão de aplicar

conhecimentos com prazos e condições oferecidas e os alunos que se lançam nas propostas e ideias planejadas, organizadas e dirigidas pela escola.

Pereira (2011, p.17) afirma que “Toda relação interpessoal no interior da escola devem convergir para a aprendizagem, e o gestor deve estar bastante atento a esse fator, pois é ele o principal ator na organização e tomada de decisões na escola” a interatividade, a multiplicidade, a dinâmica, as transformações, as mudanças e a diversidade de conhecimentos estão reunidas num só lugar, a escola, em todas as fases do processo educacional: na Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, no Ensino Médio), na Educação Superior e nas Pós-Graduações.

O objetivo é de apontar as causas principais que, na visão dos alunos com necessidades especiais, consideram as aulas de Educação Física satisfatórias e quais os obstáculos para efetiva participação nas aulas práticas de educação física de escolas estaduais de Porto Velho – Rondônia. O olhar do aluno sobre as aulas de Educação Física remete a ideia do marketing em relação ao cliente que busca satisfação sobre um produto (MORGAN e SUMMERS, 2008).

2. Inclusão, e a Educação Física Especial e Inclusiva:

A Inclusão é um tema bastante recorrente nos meios sociais e acadêmicos com relevantes estudos e discussões sobre o alcance do que é o incluir, não somente para estar, mas, sobretudo de ser e fazer parte, protagonizar ações promocionais como autoestima de se sentir capaz de realizar e receber o reconhecimento por saber fazer, mesmo com toda a limitação, além do respeito a sua característica de como fazer.

As lutas no campo social (político, educacional, mercado de trabalho) tem surtido efeitos positivos aos alunos com necessidades especiais, mas ainda há muito o que conquistar para que se possa ter igualdade de participação nas diversas áreas do desenvolvimento humano.

Todas as leis criadas antes da Lei de Diretrizes e Base do Ensino Nacional (LDB) 9.394/1996 sempre trouxeram discursos da integração como direito da pessoa com necessidades especiais, mas em nenhuma delas destinava-se recursos para que se pudesse promover de fato a integração. Os recursos seriam para melhoria de infraestrutura (adequações e adaptações de espaços físicos, ambientes e materiais –

NBR 9.050/2015) e qualificação e capacitação de mão de obra em exercício (profissionais da educação: professores, gestores, supervisores, orientadores).

O direito ao acesso à Educação a todo cidadão no ensino de qualidade está pressuposto nos Art. 205 e 206 da Constituição Federal de 1988 e “[...] à crença de que o direito à educação é um direito humano e o fundamento de uma sociedade mais justa;” e que o ensino seja de qualidade (UNESCO, 2005, p.44; FERREIRA, DAMÁZIO e BRUZI, 2007; KIRK e GALLAGHER; MENDES e SASSAKI *apud* MIRANDA, 2003).

Oferecer condições de atendimento em todas as ações, tanto na teorização dos elementos e conteúdo, como nas práticas de assimilação dos assuntos trabalhados e, ainda, em relação à flexibilidade curricular, trata-se de outro ponto fundamental para que seja elaborada uma matriz que favoreça o aprendizado com qualidade ao aluno com necessidades especiais, como sendo responsabilidade do poder público (MAZZOTTA, 2005).

Os profissionais da Educação Física têm vinte e cinco anos de reconhecimento e regulamentação da profissão pela Lei 9.696 de primeiro de setembro de 1996. A Educação física foi inserida no currículo escolar em meados do século dezenove onde até 1930 a tendência era higienista, depois desse período até 1945 preponderou a tendência militarista que precedeu a tendência pedagógica com duração até 1964, deste ano, após a revolta de 31 de março de 1964, a Educação Física passou pelas tendências competitivista e popular (GHIRALDELLI, 2003).

Nas etapas iniciais e finais do ensino fundamental as atividades propostas de conteúdos devam estar interligadas com todas as disciplinas dos componentes curriculares a fim de que possam ser melhor acompanhadas pelos estudantes e também devem estar contextualizadas em todas as áreas sociais (espaços físicos e ambientes, na escola e fora dela).

A Educação Física, tanto voltada para área Especial como para a área Inclusiva, se faz necessária estar conectada a cultura corporal do movimento para favorecer e agregar a intra-culturalização, apreciação e aproveitamento do tempo ocioso com cuidados pessoais e coletivo (GORGATTI, 2005, p. 69; PCN 1997; MENDES, CONCEIÇÃO e GALERY, 2013).

As ideias de seletividade e competitividade, obrigatoriamente remete as outras ideias de perfeição e rivalidade, com isso, implicitamente as ideias de exclusão, eliminação e segregação tendem a surgir.

Os sentimentos de incapacidade, inabilidade e incompetência não podem e nem devem ser emergidas quando se trata da Educação Física Inclusiva (EFI), pois esta é uma área que procura trabalhar as potencialidades existentes e melhorar as habilidades adquiridas (MORAES, 2010).

A EFI concebe que a inclusão deve ser de forma total, desta maneira, possa garantir aos estudantes acessibilidade como sendo uma realidade comum aos alunos com necessidades especiais, conforme está previsto na NBR 9.050/2015, ambientes e espaços destinados à prática de atividades físicas devem estar apropriados, para isso, requer do poder público aplicações e investimentos em adequações e adaptações de ambientes e espaços físicos, materiais adequados e apropriados, qualificação de mão de obra especializada com capacitações para profissionais em exercício e em áreas específicas as pessoas com necessidades especiais (DAMAZIO e BRUZI, 2007, p. 2; LEHNHARD *et al.*, 2009; FALKENBACH *et al.*, 2007, p.47; COSTA, 2010).

Nos estudos de Lehnhard *et al.* (2009) em catorze escolas com turmas inclusivas das quais onze participaram da pesquisa com 132 alunos com necessidades especiais e apenas 57,6% participavam efetivamente das aulas de educação física e o total desses 56,6% são de ‘deficientes’ intelectuais. Apontam que muitos dos alunos deixam de participar das aulas práticas de educação física por falta de condições no acesso e adaptação dos ambientes, mas outros motivos podem fazer parte das motivações como o despreparo do professor, receio do aluno de cometer erros durante as aulas e servirem de ‘chacota’ entre os colegas de turma, inibição e recursos e materiais incompatíveis com as especificidades (LEHNAHRD, *et al.*, 2009; COSTA, 2010, p. 89; VALERIANO e NEVES JUNIOR, 2014).

A exclusão nas aulas de educação física devido a infraestrutura não estar adequada para as práticas, motivação dos alunos, despreparo do docente desde a graduação e nas capacitações durante o exercício da profissão expõe a fragilidade das práticas nas escolas.

Os docentes buscam alternativas para superar as dificuldades que vão desde atividades separadas para os alunos inclusos (5,5% dos professores) enquanto que os

demais (94,5%) procuram inserir os mais habilidosos para realizar as tarefas com os demais alunos no sentido de incentivar as práticas e promover a inclusão e a socialização (VALERIANO e NEVES JUNIOR, 2014).

Numa pesquisa sobre inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física escolar em escolas públicas os professores dizem: (35%) que os deficientes são moderadamente inclusos nas turmas e que os alunos são participativos nas aulas e (26,1%) têm uma inclusão considerada muito boa; sobre apoio das equipes das escolas os professores dizem que: (3,4%) não recebem apoio algum e (42%) recebem apoio bastante considerável das equipes (GOMES, 2012; FALKENBACH, 2007).

O professor de Educação Física atua em três pilares fundamentais para que o aluno possa realizar as atividades com segurança e desenvoltura que são: físico, psíquico e emocional. No entanto, as condições de trabalho precisam estar adequadas para que os objetivos possam ser atingidos (CÁRDENAS, FREIRE e PUMARIEGA, 2017).

Numa pesquisa sobre as possíveis influências das aulas de educação física e participação ativa nas aulas práticas foi possível verificar que apesar da resistência por parte das alunas ao final do ano letivo a participação era de (100%) dos meninos e meninas pertencentes à amostra do estudo (SOUZA e GONÇALVES, 2001, p. 64).

Nos estudos de Educação Física em relação ao processo de inclusão com 24 adolescentes cegos de escola especial e de alunos que foram inclusos em escolas do ensino regular verificou-se que esses últimos apresentaram resultados menos expressivos que os alunos das escolas especiais e que a autora inferiu sobre a insegurança na realização dos testes por apresentar menos experiência com as tarefas.

Em relação ao gostar das aulas de Educação Física as respostas foram (91,7% e 66,6%) alunos de escola especial (especial) e do ensino regular (incluso) respectivamente e os que não gostam das aulas pode inferir a experiências pouco sucedidas anteriormente; sobre se sentir bem ao final das aulas práticas (83,3% e 33,3%) especial e incluso respectivamente; quanto aos incentivos recebidos dos pais ambos os grupos disseram ser bastante incentivados; em relação ao incentivo recebido pelos professores de Educação Física (100% e 50%) especial e incluso respectivamente; sobre o incentivos dos colegas de turma (100% e 16,7%) especial e incluso respectivamente; sobre a estrutura das escolas: os alunos especiais dizem que a escola

está totalmente preparada para atender enquanto que os alunos inclusos dizem que a escola do ensino regular não apresenta condições suficientes para o atendimento inclusivo ao aluno com necessidades especiais; sobre a reação dos professores e colegas quando o aluno não conseguia realizar a maioria diz que foi tudo normal, com apenas reclamações de alguns colegas de turma (58,3% e 33,3%) incluso e especial; quando não conseguia realizar as tarefas os alunos não desistiam de fazer as aulas (83,3% e 58,3%) inclusos e especial respectivamente (GORGATTI, 2005).

Para que as aulas de Educação Física Inclusiva tornam se mais atrativa para os alunos com necessidades especiais exige que os profissionais da área sejam bem preparados desde a graduação, mesmo durante o exercício da profissão o docente precisa estar atualizado para atuar com segurança e principalmente, oferecer aulas que os alunos consigam participar efetivamente e gostar das atividades proposta (FALKENBACH *et al.*, 2007).

As experiências relatadas pelos professores nesta pesquisa apontam que foram apenas poucas participações de alguns alunos com deficiência, raramente estavam presentes nas aulas de educação física e as faltas eram constantes durante as práticas educacionais. É possível inferir que a presença participativa dos alunos com deficiência nas aulas de educação física não deveria depender somente dos professores, é extremamente importante que um conjunto de ações estejam favorecendo a inclusão, a responsabilidade institucional, o apoio da equipe gestora e a cooperação da coordenação pedagógica são algumas delas (FALKENBACH *et al.*, 2007).

Em uma das entrevistas, uma professora relata sua experiência de um menino com síndrome de Down e que o mesmo é participativo, nas aulas práticas supera todas as expectativas, inclusive superando obstáculos e realizando cambalhotas. Realmente seria louvável o feito do menino, mas a falta de conhecimento sobre as características da síndrome e alguns fatores que limitam a pessoa com síndrome de Down é de causar muita apreensão.

Esta síndrome pode causar frouxidão ligamentar devido à falta de tônus muscular, dependendo da lesão na região pode causar até morte súbita, durante a atividade esportiva em exercício que leve a uma flexão cervical forçada (como o rolamento citado pela professora acima), um exemplo clássico é da Cervical 1 com a Cervical 2, uma frouxidão nessa região promove o deslizamento de uma cervical sobre a

outra, a chamada instabilidade atlantoaxial, o que poderia danificar ou esmagar a medula espinhal da criança causando a morte ou sérios danos de luxação ou subluxação ao comprimir a medula (MATOS, 2005, p. 165).

Nos estudos sobre a educação física escolar e o aluno com deficiência, em que se procura retratar a prática pedagógica de 4 professores de educação física do ensino fundamental em salas de aula com alunos deficientes inclusos de 4 escolas da rede pública estadual de Campo Grande no Estado do Mato Grosso do Sul (MORAES, 2010, p.34-7), foi necessário especificar de como a disciplina de educação física se torna um componente curricular e todo o conhecimento em torno da área como parte integrante do saber escolar e suas competências. A educação física, no ambiente escolar, desenvolve conteúdos e práticas que vão além do conhecimento biológico, esta situa se e compreende todo seu significado histórico e social os quais estão inseridos no projeto pedagógico da escola (MORAES, 2010, p.52, 56-7).

Para Souza, Furlanetto e Carvalho (2019), o perfil das escolas da rede pública municipal de Porto Velho ainda não atende a contento algumas especificidades da população que apresenta algum tipo de necessidades educacionais especiais. Tendo em vista que a demanda seja consideravelmente alta em relação a quantidade de escolas para o atendimento.

No ano de 2015 somente nas escolas da área urbana da cidade estão matriculados 400 alunos diagnosticado por médicos com algum tipo de necessidades especiais e ainda outra parcela muito próxima deste quantitativo aguarda o diagnóstico preciso para ser encaminhado.

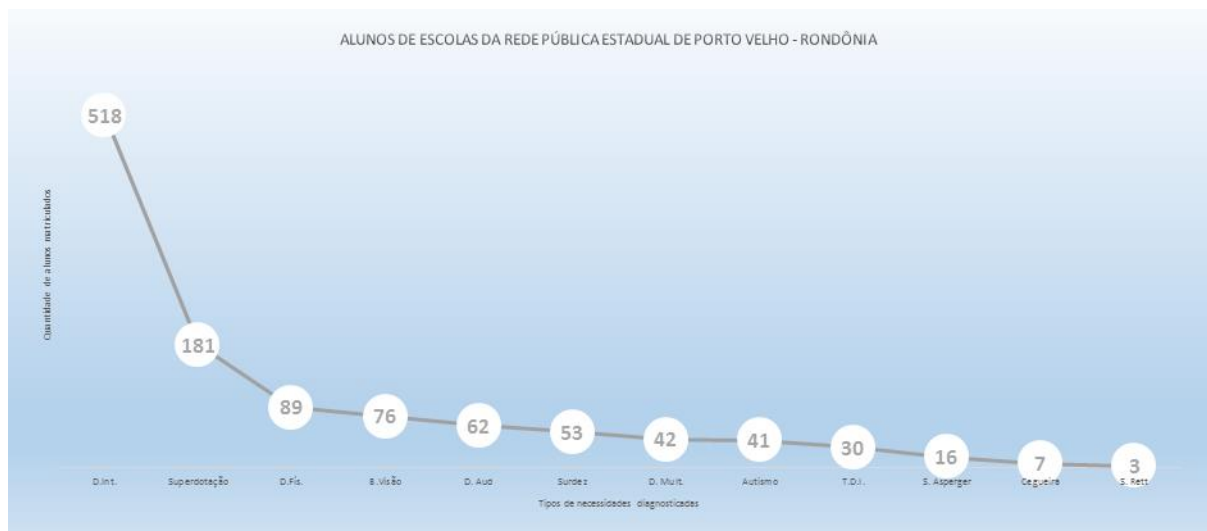
Características das necessidades especiais diagnosticadas de alunos matriculados nas escolas: (0,7%) deficiência auditiva; (17,8%) deficiente intelectual; (3,3%) baixa visão; (0,5%) é de alunos considerados obesos; (0,2%) diabetes; (0,2%) cardíaco; (2,3%) apresentam algum tipo de deficiência física e (12,5%) alunos diagnosticado com transtorno global, Síndrome de Asperger, Síndrome de Down e Deficiência Múltipla. O critério utilizado para formação das turmas inclusivas é para cada aluno com necessidades especiais inserida numa turma três alunos são remanejados para outra turma.

3. Materiais e Métodos

A abordagem deste estudo é quanti-qualitativa com análise qualitativa dos resultados encontrados a partir da colaboração dos respondentes e caracteriza-se como um estudo exploratório em que a informações e dados não contempla uma visão generalizada dos alunos com necessidades especiais que participam ativamente das aulas de Educação Física Inclusiva na rede regular de ensino estadual.

A pesquisa teve como propósito de buscar informações dos alunos com necessidades especiais sobre as manifestações contidas no universo da educação física inclusiva, e principalmente, o olhar do aluno ao que acontece durante as aulas práticas oferecidas nas escolas da rede pública estadual dos Anos Iniciais e Finais Fundamental do Ensino Fundamental.

A amostra utilizada foram os alunos pertencentes a rede estadual de ensino da CRE/PVH, devidamente diagnosticados, que apresentam algum tipo de necessidades especiais, dados extraídos da coordenação de ensino especial da SEDUC/RO, inclusive foram respeitadas as formas de nomenclatura utilizadas pela coordenação, são as seguintes:



Fonte: Ensino Especial/SEDUC/RO-2016. Alunos da Zona Urbana da Cidade de Porto Velho.

A Legenda: notadamente apresenta o número de alunos com Deficiência Intelectual (D.Int.) é muito superior as demais deficiências com 518, na sequência apresenta a Superdotação com 181, Deficiência Física (D.fís.) com 89, Baixa Visão

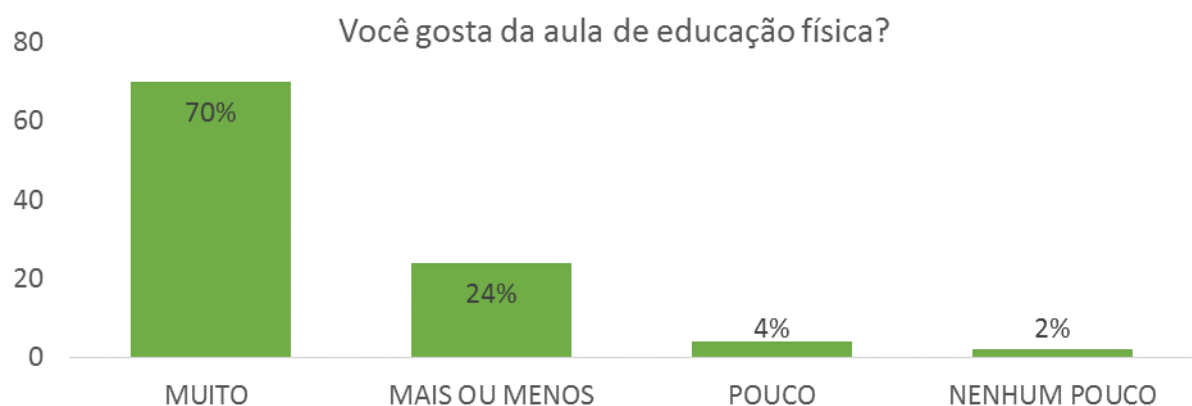
(B.Visão) 76, Deficiência Auditiva (D.Aud) 62, Surdez 53, Deficiência Múltipla 42, Autismo 41, Transtorno Deficiência Intelectual (T.D.I.) 30, Síndrome de Asperger (S.Asperger) 16, Cegueira 7 e Síndrome de Rett (S. Rett) 3.

O percentual de estudantes com necessidades especiais 443 com algum tipo de deficiência que participaram do estudo correspondem a mais de quarenta por cento (43,8%) do total de alunos matriculados nas escolas da rede pública estadual da zona urbana da cidade de Porto Velho. Os participantes respondentes do estudo mostram a importância das informações, a partir da sua visão, sobre as aulas práticas de Educação Física Inclusiva.

Resultados:

O número oficial de deficientes matriculados em todas as escolas pertencentes à Zona Urbana de Porto Velho, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, é de 1.118, segundo a CRE/PVH/SEDUC o senso escolar foi realizado no ano de 2016.

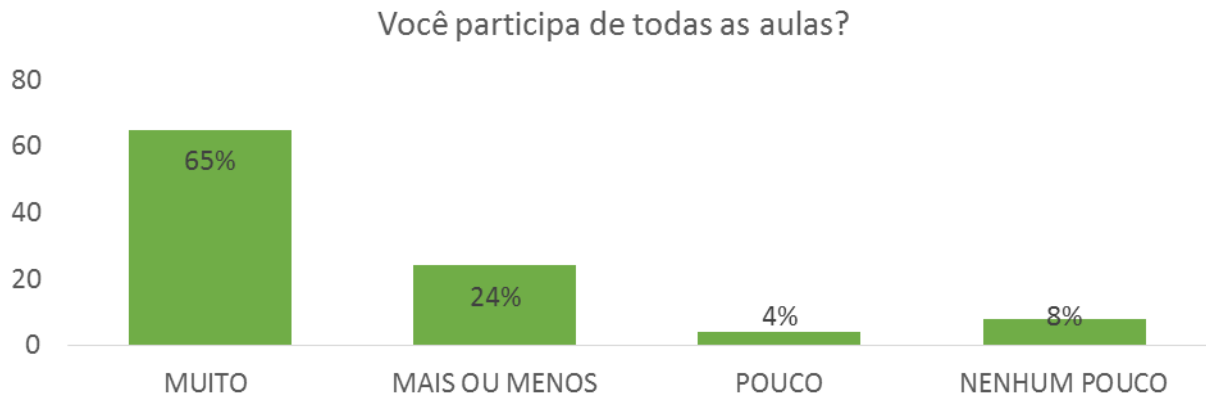
Gráfico 1 - Gostar das aulas de Educação Física



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

A imensa maioria dos alunos gostam muito das aulas práticas de Educação Física oferecida nas escolas estaduais, restando uma parte importante do processo que não gostam tanto das aulas, levando a inferir que neste processo inclusivo algumas considerações sejam importantes apresentar para compreender a unanimidade nas respostas não foi alcançada.

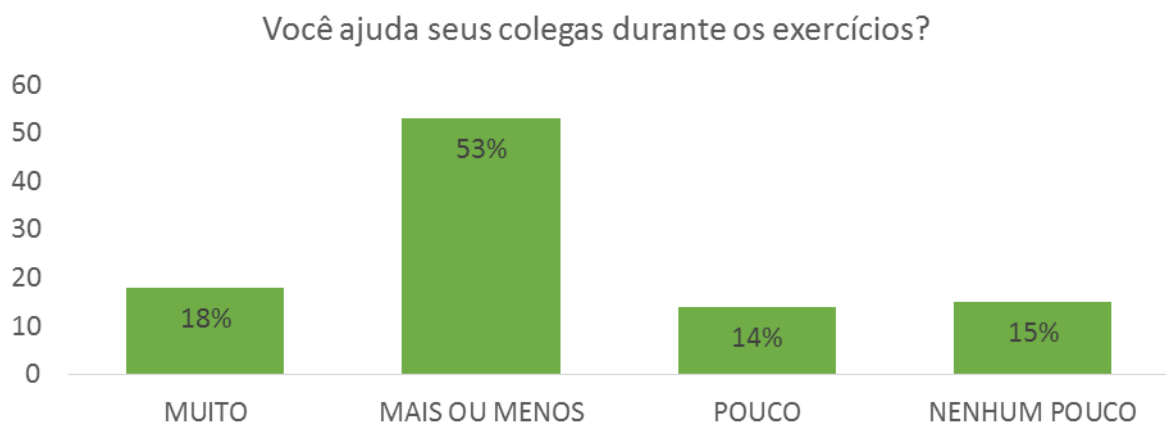
Gráfico 2 - Efetiva participação nas aulas práticas



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

Quando solicitado dos estudantes sobre a participação nas aulas práticas novamente se obtém um número expressivo que diz participar ativamente das aulas, o que deixa bastante evidente o índice mostrado no gráfico anterior. Mas ainda não atingindo o 100% que se precisa alcançar por se tratar de uma disciplina que prepara o cidadão para uma vida saudável. Para isso mais informações precisam ser coletadas para entender porque o processo inclusivo, neste quesito, está deixando a desejar.

Gráfico 3 - Auxilia os colegas durante as aulas

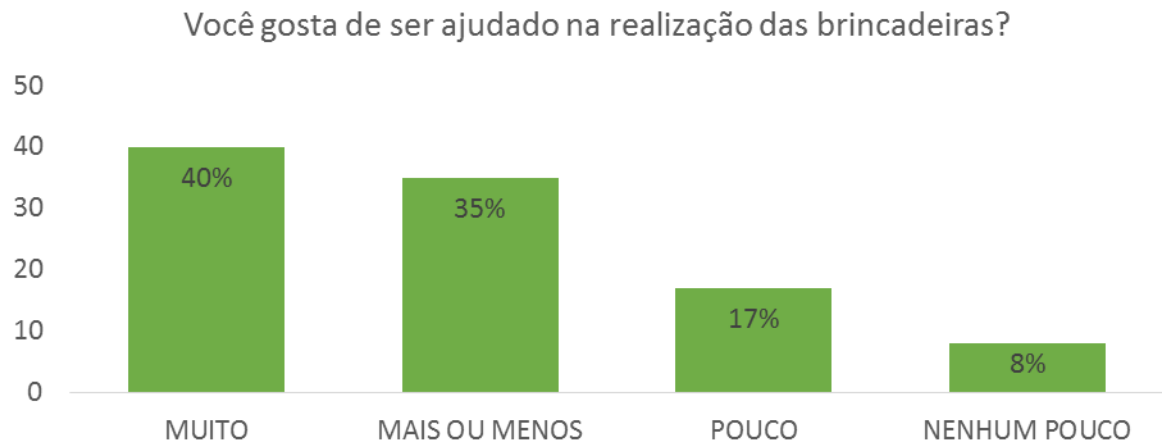


Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

Durante as aulas práticas um aluno ou outro necessita ser auxiliado, em relação ao aluno que apresenta uma necessidade especial não seria diferente. Quando perguntado ao aluno com necessidades educacionais especiais se ajudam os colegas nas

durante as atividades as respostas permitem inferir que a ajuda é dada na medida do possível.

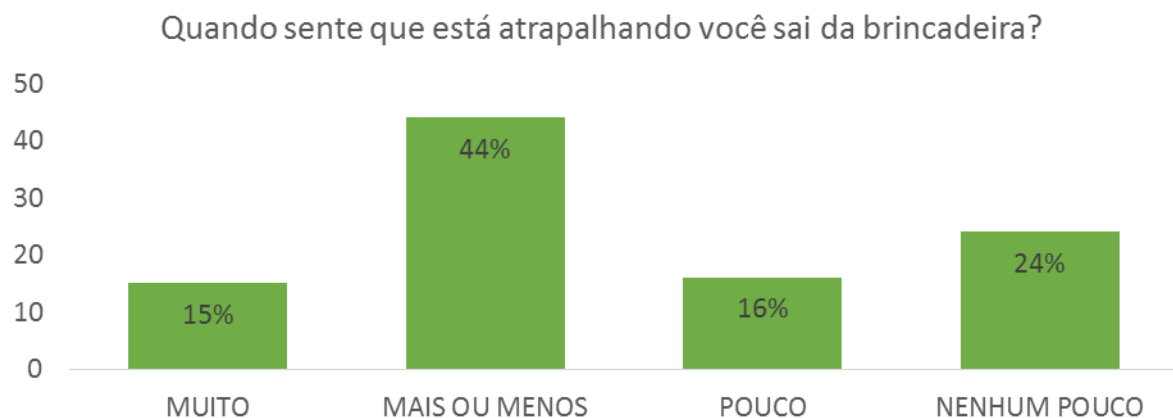
Gráfico 4 - Ao receber ajuda dos colegas



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

Quanto a ajudar um colega é um sentimento altruísta e do ser auxiliado pode ser ainda maior porque por trás do gesto está a aceitação do outro, estaria então a alteridade. Neste item percebe-se que ser ajudado é importante por deixar entender que o aluno precisa continuar na atividade e que é importante naquele momento na aula de Educação Física.

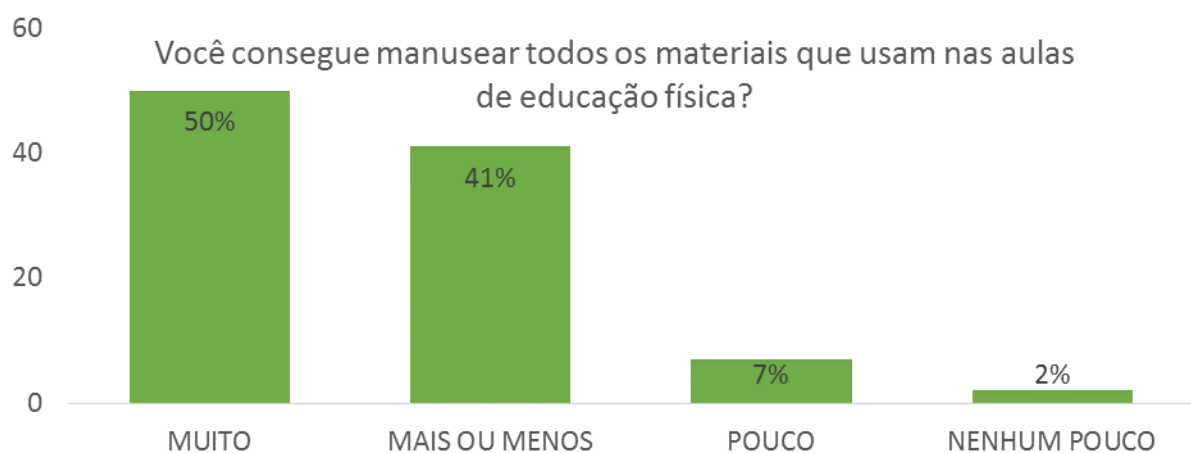
Gráfico 5 - Atrapalhar nas tarefas



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

Mas esse é um ponto bastante revelador do estudo, muitos alunos registram que deixam de realizar as atividades quando sentem que estão atrapalhando o desempenho dos demais colegas. Pode se inferir que quando um aluno está atrapalhando é por falta de condições de desenvolver uma tarefa ou outra. Essa falta de condição pode estar nas instalações dos ambientes para as práticas, nos materiais e ferramentas utilizadas ou ainda na metodologia ou didática que na aplicabilidade dos conteúdos.

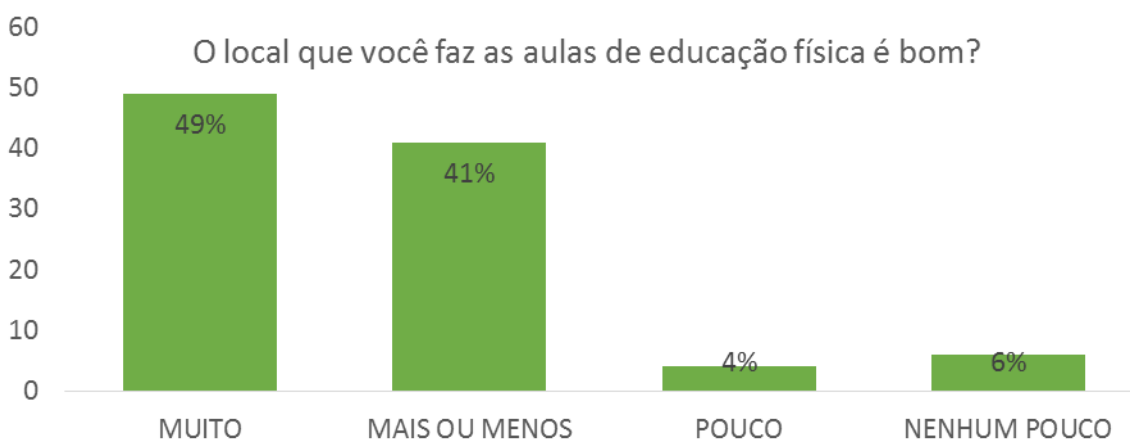
Gráfico 6 - Utilização dos materiais de aula



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

Ao verificou-se que metade dos alunos não encontram dificuldades para utilizar os recursos materiais da Educação Física – ressalta-se o planejamento do professor ao colocar em suas práticas materiais possíveis de se trabalhar com alunos. No entanto, os demais não conseguem executar as atividades.

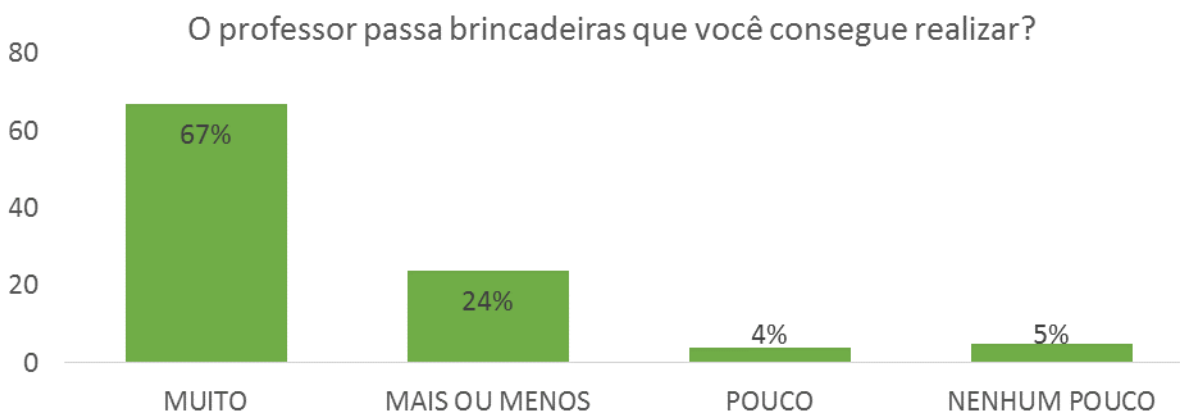
Gráfico 7 - Quadra ou espaço destinado às práticas



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

Quando perguntado sobre o local das práticas os estudantes declaram que encontram dificuldades para realizarem as práticas, o que pode estar relacionado a falta de adequação dos espaços físicos que possibilitem o deslocamento, a mobilidade e o acesso.

Gráfico 8 - Execução das tarefas durante as aulas

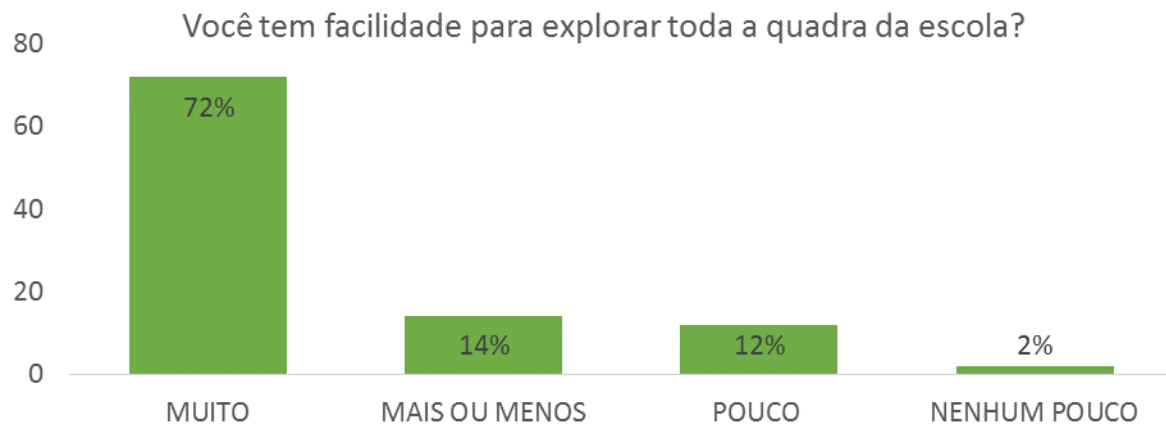


Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

Questionados sobre as atividades e tarefas propostas pelo professor os estudantes responderam que conseguem realizar, mais uma vez comprova que os gostam das aulas, o professor traz em seu planejamento de acordo com as possibilidades das turmas e a aplicabilidade dos conteúdos são efetivadas de forma didática. Por outro lado, alguma parte ainda encontra dificuldades para fazer parte das atividades, inferindo que a turma inclusiva não está na condição de participar 100% de todas as atividades e que a causa pode estar na falta de material apropriado para realizar as tarefas.

Gráfico 9- Mobilidade durante as aulas nos espaços e ambientes da Educação

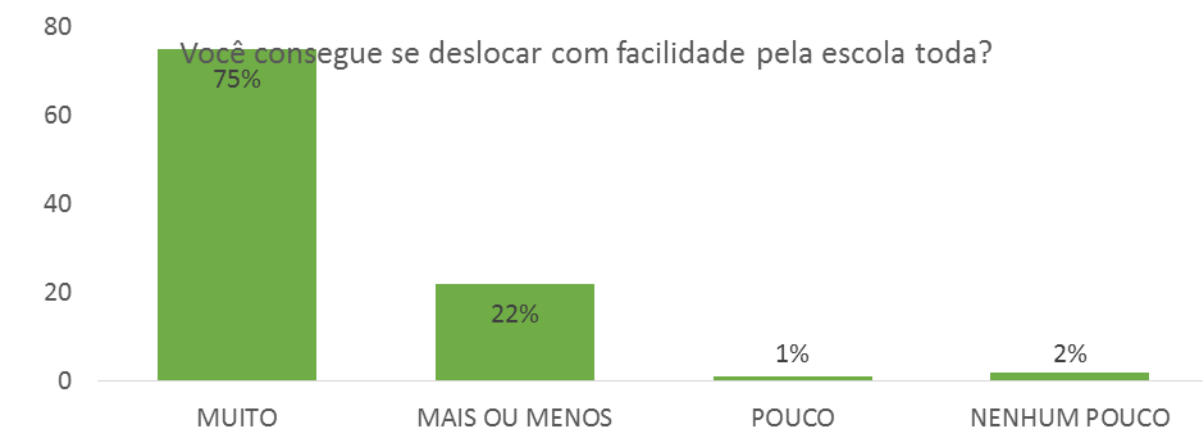
Física



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

A dificuldade de acesso aos ambientes e espaços físicos destinadas as aulas práticas de Educação Física atinge parte desta população, ou seja, as instalações não atendem a comunidade.

Gráfico 10 - Acesso aos ambientes



Fonte: Pesquisa dos autores 2017.

O direito do aluno com necessidades especiais, inserido no processo de inclusão, deve estar garantido a todos acessos aos ambientes e espaços físicos do estabelecimento de ensino, o Art. 205 e 206 (Constituição Federal de 1988) que tratam do direito à Educação com igualdade de condições e com qualidade a todos os cidadãos.

CONCLUSÃO:

Pode se inferir que os alunos estão muito satisfeitos com as aulas de Educação Física que são oferecidas nas escolas por afirmar, a grande maioria dos alunos, gostar muito das aulas. Pode se dizer que muitas das dificuldades que os alunos esbarram nas dependências das escolas lhes são comuns nas atividades da vida diária e da mesma maneira conseguem ultrapassá-las.

É possível perceber também relatos de dificuldades em realizar tarefas durante as aulas de Educação Física que podem estar diretamente correlacionadas com as barreiras arquitetônicas, falta de infraestrutura e de material adaptado para a realização das atividades. Na área de integração e socialização os alunos enfatizam que não encontram dificuldades tanto para receber ajuda dos colegas e nem mesmo para ajudar aqueles que necessitam de auxílio durante as atividades práticas. Por fim, os alunos têm demonstrado que conseguem realizar as tarefas propostas pelos professores e apontam encontrar dificuldades em acessar todos os ambientes da escola.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, MEC_ **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília – DF, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em 23 jan. 2018.
- CÁRDENAS, Ramón Nuñez, FREIRE, Ivete de Aquino; PUMARIEGA, Yesica Nuñez **Preparação psicológica no Esporte**. Curitiba: Apris, 2017.
- COSTA, Vanderlei Balbino. Inclusão escolar na Educação Física: reflexões acerca da formação docente. Rio Claro: **Revista Motriz**, v. 16, nº 4, pp. 889-899, out./dez. 2010.
- DAMÁZIO, Marcia da Silva; BRUZI, Alessandro Teodoro. **Educação inclusiva e o papel da Educação Física no contexto escolar**. Disponível em: http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17690/material/educacao_inclusiva_papel_educacao_fisica.pdf. Acesso realizado em 05 fev. 2018.
- FALKENBACH, Atos Prinz *et al.*. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de educação física na educação infantil. Porto Alegre: **Revista Movimento**, v. 13, n.02, 2007.

FERREIRA, Windyz B.. Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos?. **Inclusão**. MEC – Secretaria de educação especial. Educação Especial, outubro/2005.

FURLANETTO, Cristiane Anita; SOUZA, Daniel Oliveira de; CARVALHO, Agenor Francisco de. A práxis educacional na aprendizagem escolar dos estudantes com deficiência intelectual. **Revista Veredas Amazônicas**. janeiro/junho – Vol. 5, Nº 1, 2019.

GADIA, Carlos; ROTTA, NewraTellechea. **Aspectos clínicos do transtorno do espectro autista**. Transtorno da aprendizagem. ROTTA, Newra Tellechea, RIESGO, Lygia Ohlwiller e Rudimar dos Santos (orgs) 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2016.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo: Loyola, Coleção Espaço, 2003.

GOMES, Ana Elizabeth Godim. **Inclusão de alunos com deficiência nas aulas de educação física escolar em escolas públicas municipais de fortaleza (CE)**. Tese de Doutorado em Distúrbios do Desenvolvimento apresentada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

GORGATTI, Márcia Greguol. **Educação física escolar e inclusão: uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores**. Tese (Doutorado em Educação Física) Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LEHNHARD, Grace Rosso *et al.* A inclusão de alunos com deficiência em escolas públicas e em aulas de Educação Física: um diagnóstico. **Revista Digital** - Buenos Aires, ano 14, nº 139, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acesso em: 20 out de 2018.

MATOS, Marcos Almeida (org.). Instabilidade atlanto axial e frouxidão ligamentar na Síndrome de Down. **Revista Acta Ortop Bras.**, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aob/v13n4/a01v13n4.pdf>> Acesso realizado em 15 mar. 2018.

MAZZOTTA, Marcos J.S.. **Educação especial no Brasil: História e políticas públicas**. 5. ed. . São Paulo: Cortez, 2005.

MENDES, Rodrigo Hüner; CONCEIÇÃO, Luiz Henrique de Paula; GALERY, Augusto. **O caso de educação física inclusiva – Brasil**. Projeto: DIVERSA, licenciado pelo Instituto Rodrigo Mendes. São Paulo, 2013.

MORAES, Fernando Cesar de Carvalho. **Educação física escolar e o aluno com deficiência: um estudo da prática pedagógica de professores**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo grande, 2010.

MORGAN, Melissa Jonhson; SUMMERS, Jane. **Marketing Esportivo**. [Trad] Vertice Translate. Saraiva: São Paulo, 2008.

PEREIRA, Debbie Janne Holanda de Sousa. **O papel do gestor na busca por uma escola inclusiva no município de Novo Gama-Goiás**. Monografia de especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão pela UAB/UNB, Brasília, 2011.

PLANALTO **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1.996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm> Acesso em: 17 fev. 2017.

SOUZA, Daniel Oliveira de; GONÇALVES, Luis Gonzaga de Oliveira. Influências das aulas de Educação Física nos comportamentos: antropométrico e neuromotor em alunos portadores de deficiência auditiva. **Revista Sinergia**, 3ª ed. São Paulo: 2001.

SOUZA, Daniel Oliveira de; FURLANETTO, Cristiana Anita; DE CARVALHO, Agenor Francisco. Educação Inclusiva: Educação Física nas escolas públicas. **Revista eletrônica Veredas Amazônica**. vol. 05, nº1, 2019.

VALERIANO, Ricardo José; NEVES JUNIOR, Cláudio Luiz. Diversidade nas aulas de Educação Física das escolas públicas de Araxá-MG. Araxá: **Revista Evidência**, volume 10, número 10, p. 61-74, 2014. Disponível em
<<https://int.search.tb.ask.com/search/GGmain.jhtml>> Acesso em 24 fev. 2018.

Recebido:20/10/2021. Aceito:15/12/2021.

Autores:

Daniel Oliveira de Souza

Mestre em Ciências da Educação; UNIR;
dos@unir.br

Cristiane Anita Furlanetto

Mestre em Ciências da Educação; SEDUC;
furlanettoanita@gmail.com

Clarides Henrich de Barba

Doutor; UNIR;
clarides@unir.br